

---

## Machado de Assis: Imagens e Sensações

**Resumo:** Os alunos do segundo ano Integrado do CEFET Campus Timóteo sentiram a necessidade de entender o processo da criação literária no que diz respeito a aspectos sociais e psicológicos que norteiam a caracterização das personagens, do tempo e o espaço de criação. Para tal pesquisa, alguns contos e crônicas do escritor Machado de Assis foram selecionados no intuito de revelar os pressupostos e o contexto que orientaram a produção de tais textos e desenvolver, assim, uma leitura crítica. Diante disso, a recepção estética se mostrou evidente, ao mesmo tempo que é inerente à formação crítica do leitor, visto que a compreensão da literatura produz diversos efeitos e sentimentos. Várias discussões permearam o desenvolvimento da pesquisa e algumas considerações importantes sobre o autor tornaram-se significativas após o estudo dos textos e reflexões sobre o contexto de produção dessa escrita. Machado de Assis imprime em suas obras características e temas sociais que são considerados à frente dos horizontes dos escritores de sua época. Suas obras apresentam traços do que viria a ser o Realismo, apesar de ter vivido na época da afirmação do romance romântico. O projeto literário de Machado de Assis levanta questões como economia, adultério, escravidão, república e abolição. Essa temática, dos anos 1880 e 1890, fica explícita em vários escritos machadianos como contos, crônicas e romances. Aliar o estudo desses textos literários ao seu contexto de criação torna a compreensão desse texto mais ampla no sentido de entender as expressões utilizadas, o imaginário da época e os problemas sociais vividos pelas personagens. Esse estudo propiciou muitas sensações que puderam ser expressadas pelos alunos através das imagens e fortalecer, assim, o contato entre o leitor e a literatura.

**Palavras-Chave:** Machado de Assis; processo de criação; recepção estética; economia.

O presente artigo é um recorte de um projeto sobre as percepções estéticas experimentadas em uma escola pública da rede federal de Ensino Médio no município de Timóteo, Minas Gerais, em que foram feitas discussões sobre quatro contos de Machado de Assis com a temática economia, abolição da escravidão, república e comportamento.

O estudo aqui proposto visa uma análise do lugar da economia no âmbito da cultura e da sociedade brasileiras da década de 1880 e 1890, através do modo pela qual Machado de Assis através dos contos *O empréstimo* (1882), *Anedota pecuniária* (1884), *A carteira* (1884)

**Erica Drumond Fontes Silva**

CEFET-MG Campus Timóteo

**Cláudia Mara de Souza**

CEFET-MG Campus Timóteo

**Héilton Martins Reis Filho**

**Raíssa Franco Souza**

**Rebeca Mercês Oliveira Barros**

**Sara Xavier Alcântara**

CEFET-MG Campus Timóteo

SILVA, E.D.F. *et al.* Machado de Assis: Imagens e Sensações. In: Jornada de Linguagens, Tecnologia e Ensino, 1, 2017. Timóteo. **Atas da [...]**. Timóteo: CEFET-MG, 2017, p. 57-67. Disponível em: <http://www.lite.cefetmg.br/publicacoes/publicacoes-da-1a-lite/>. Acesso em: ...

---

e O jogo do bicho (1904) ilustrou, através da arte literária, os problemas econômicos que afetaram a sociedade naquele momento e como as consequências são vistas até os dias atuais.

### **Machado de Assis e o seu tempo**

De acordo com a estética da recepção, um texto tem diferentes interpretações e percepções ao ser lido durante e após a época de seu lançamento devido a inúmeras questões no contexto de sua criação e acontecimentos posteriores. A crítica formada ao longo do tempo serve para enriquecer as futuras e traz uma melhor compreensão do texto.

Sobre a recepção afirma Stierle:

A recepção abrange cada uma das atividades que se desencadeia no receptor por meio do texto, desde a simples compreensão até à diversidade das reações por ela provocadas - que incluem tanto o fechamento de um livro, como o ato de decorá-lo, de copiá-lo, de apresentá-lo, de escrever uma crítica ou ainda o de pegar um papelão, transformá-lo em viseira e montar a cavalo. [...] Descrever o ato da recepção significa, de imediato, diferenciar seus vários passos e apreender sua construção hierárquica. (STIERLE, p. 135-136, 2001)

A leitura dos contos machadianos provocou várias emoções e reações. Ao analisar os aspectos da sua produção, é possível dar um significado mais complexo para a obra, mas a análise dos textos literários junto ao estudo da história do tempo de criação mostra a multiplicidade de seus aspectos sociais, ao mesmo tempo em que revela a sua singularidade.

Ao fazer a leitura desses textos literários escritos há mais de um século e conhecer a história do tempo e o tratamento que o literato lhe deu, é possível, não só conhecer um pouco dessa história, mas compreender as aflições de um tempo que perduram mesmo sabendo que a Literatura não tem obrigação com a realidade, entretanto, inevitavelmente a expressa.

### **Contextualização: A problemática do tempo**

Algumas mudanças significativas de natureza política, econômica, moral e demográfica na sociedade carioca e, por conseguinte, na brasileira, foram ocasionadas pela transição política do Império à República. Fatos importantes como a abolição da escravatura antecederam esse evento e também trouxeram marcas e consequências ao país. Tais ocorrências foram tão marcantes que mereceram a devida atenção além dos historiadores, da Literatura. Foram analisados quatro contos de Machado de Assis, escritos entre os anos 1880 e 1900, que denotam tais acontecimentos e ilustram uma época tão importante da história do Brasil. Antes de explicitar como tais ocorrências foram recebidas e ilustradas pela Literatura nesses contos, convém entender o momento político e econômico a partir do momento em que a República foi declarada.

Através dos estudos do historiador José Murilo de Carvalho (1997), é possível entender as ocorrências da primeira década republicana brasileira na cidade do Rio de Janeiro. O autor apresenta o contexto da República em todos os âmbitos da sociedade fluminense: econômico, cultural, político e social, com foco nas transformações da opinião pública com essa nova fase do país.

---

Os “escravos livres” deslocavam-se até a cidade para a busca da estabilidade e, modificavam assim, toda a estrutura existente. Um dos resultados foi o aumento de empregados e subempregados, além do aumento da variedade étnica (levando também em consideração a migração portuguesa para a região).

A modificação da estrutura ocupacional, de acordo com Murilo de Carvalho, vai muito além do aumento da variedade étnica: surgiram novos padrões e novas classes para caracterizar a população. Com o êxodo para a cidade, muitas pessoas ocuparam moradias inferiores e “viviam nas tênues fronteiras entre legalidade e ilegalidade”. O autor destaca que essa população poderia ser comparada aos malandros, prostitutas, ciganos, ambulantes, carroceiros, serventes de repartições públicas e pivetes, que se falava na primeira metade do século XIX.

O “novo Rio”, como denomina o autor, refletia a política do país. De um lado, banqueiros, e milionários e de outro, criados e engraxates que, apesar das visíveis diferenças, idealizavam maior participação política com a Proclamação da República. Todos almejavam a entrada no cenário político. Operários e outros trabalhadores já organizavam greves e paralisações, políticos envolviam-se em conspirações e planejavam golpes. Porém, a tentativa de participação política pelas classes menos favorecidas foi logo frustrada. A proclamação era uma alteração no pacto de poder, que antes de mais nada necessitava de alcançar estabilidade e, por isso, não havia espaço para novos pontos de vista.

Dessa forma, as reformas na sociedade, como o surgimento de novas classes, costumes e práticas culturais acabaram por contornar a situação de inferioridade política, vivida por negros, trabalhadores informais e estrangeiros. A partir dessa exclusão, surgiram elementos para compor a identidade coletiva do Rio de Janeiro como o carnaval e o futebol.

De maneira clara e concisa, as descrições dos acontecimentos podem ser lidas sem um vasto conhecimento da época: o autor expõe o leitor a um Rio de Janeiro intrigante, em virtude dos notáveis rumos tomados pelo Brasil e a forma certas vezes egoísta com a qual o governaram. A contextualização dada por Carvalho explicita os acontecimentos dessa época tão marcante da história do Brasil e torna quem lê apto a compreender perfeitamente obras consagradas do período; como, por exemplo, as de Machado de Assis. Vários textos machadianos trazem à tona essa problemática econômica e social exposta no livro.

### **O texto literário: Retratações, interpretações e sensações**

Se o texto literário é um ato intencional que retrata o mundo, o escritor tem o direito de corrigi-lo e ajustá-lo, e ao leitor cabe receber ou não tais correções. Tal recepção será positiva se o texto se converter em objeto imaginário na consciência do leitor.

O modelo da interação entre texto e leitor é fundamental para o conceito de comunicação. Com isso é simultaneamente dito que o leitor recebe o texto na medida em que, conduzido pela articulação da estrutura deste, vem a constituir a função como seu horizonte de sentido. Para uma abordagem de tipo comunicacional, as estruturas têm o caráter de indicações pelas quais o texto se converte em objeto imaginário, na consciência de seu receptor. O conceito de comunicação, usado na teoria da literatura, acolhe, portanto, a descrição das estruturas e a determinação da função e, na verdade, deles necessita como o pressuposto necessário para que a transmissão e a recepção se tornem processos descritíveis. (ISER, 2002, p. 944)

---

É importante ressaltar que a recepção dos contos machadianos proposta tentou compreender os valores do tempo da escrita desses textos e que os alunos envolvidos foram instruídos a entender, primeiro, os acontecimentos políticos e sociais que marcaram o século XIX. Diante de tais estudos, as percepções e sensações construídas foram explicitadas ao longo desse trabalho.

O conto “O empréstimo” narra a história de dois homens com visões distintas em relação ao dinheiro. Vaz Nunes é um tabelião de uma perspicácia fora do comum e de uma honestidade invejável a quem Custódio pede um empréstimo. Custódio é um homem ambicioso e deseja abrir uma fábrica de agulhas, mas precisa que Vaz Nunes disponibilize uma quantia considerável.

— Venho pedir-lhe uma escritura...

Vaz Nunes, armado para outro começo, não respondeu: espiou para cima dos óculos e esperou.

— Uma escritura de gratidão, explicou o Custódio; venho pedir-lhe um grande favor, um favor indispensável, e conto que o meu amigo...

— Se estiver nas minhas mãos...

— O negócio é excelente, note-se bem; um negócio magnífico. Nem eu me metia a incomodar os outros sem certeza do resultado. A coisa está pronta; foram já encomendas para a Inglaterra; e é provável que dentro de dois meses esteja tudo montado, é uma indústria nova. Somos três sócios, a minha parte são cinco contos. Venho pedir-lhe esta quantia, a seis meses, — ou a três, com juro módico...

— Cinco contos? (ASSIS, 1962, p. 226)

A insistência pela quantia vai diminuindo ao longo do texto e o pedinte se esforça em negociar o valor até conseguir algum. As diferentes visões do dinheiro das duas personagens são uma estratégia interessante para a construção do texto já que é um tema que se insere no contexto atual.

O narrador onisciente inicia o conto alegando que aquela é uma história real e que outros o nasceu cheio de sonhos e, aos 40 anos, ainda estava desempregado e vivia de empréstimos, sem nunca trabalhar. Dentro do seu sonho de se tornar rico, ele tende a aceitar toda proposta que lhe é feita, o que sempre acaba com ele mais pobre do que antes. Eis que surge uma nova proposta de uma Fábrica de Agulhas que, para se associar, precisava de 5 contos de réis. Foi então ao escritório do tabelião Vaz Nunes, que é descrito como “um homem de honestidade invejável”, ponto que será questionado adiante.

O conto apresenta uma crítica muito fundamentada à condição humana de pobreza naquela época, bem como os instintos de cada ser — ponto fundamentado pela discussão filosófica feita ao início do conto. Vaz Nunes, descrito inicialmente como muito honesto e aparentando ser ótima pessoa, revela a propriedade de grandes posses e oferece o mínimo possível; que sua postura ao sair do escritório comprova e o que o deixa animado após dar a Custódio apenas 1% da proposta inicial. Este último, por sua vez, revela sua idiosincrasia baseada em seu costume de receber sem trabalhar, buscando os caminhos mais fáceis. A dubiedade

---

em Machado de Assis é explícita: Vaz Nunes tem vocação para o trabalho e Custódio a tem pelo dinheiro.

Não bastasse isso, Machado ainda dispõe de três campos de linguagem, que envolvem uma linguagem jurídica com termos do Direito, uma linguagem literária com termos como *Carlyle* e *Sêneca* e, ainda, uma linguagem religiosa que se baseia em referências religiosas, ora sutis, ora explícitas, como o nome da Rua do Rosário, ou a clara metáfora: “A alma do Custódio caiu de bruços. Subira pela escada de Jacó até o céu; mas em vez de descer como os anjos no sonho bíblico, rolou abaixo e caiu de bruços”. Essas referências religiosas a termos bíblicos é uma característica machadiana, que está presente em muitas de suas obras.

No conto, as metáforas usadas serviram para descrever as sensações dos personagens, como, por exemplo, quando Custódio recebeu a resposta de que Vaz Nunes não tinha a quantia para lhe emprestar e que “sua alma caiu de bruços”. A descrição da frustração de Custódio torna a leitura mais agradável e divertida.

— Pois bem, disse ele, veja o que me pode dar, e eu irei ter com outros amigos... Quanto?

— Não posso dizer nada a este respeito, porque realmente só uma coisa muito modesta.

— Quinhentos mil-réis?

— Não; não posso.

— Nem quinhentos mil-réis?

— Nem isso, replicou firme o tabelião. De que se admira? Não lhe nego que tenho algumas propriedades; mas, meu amigo, não ando com elas no bolso; e tenho certas obrigações particulares... Diga-me, não está empregado? (ASSIS, 1962, p. 226)

O enredo é muito simples e corriqueiro e deixa a entender que acontecerá alguma coisa surpreendente no final ou pelo menos deixa a reflexão mais explícita.

— Pronto! disse-lhe Vaz Nunes, com o chapéu na cabeça.

Era o fatal instante. Nenhuma palavra do tabelião, um convite ao menos, para jantar; nada; fíndara tudo. Mas os momentos supremos pedem energias supremas. Custódio sentiu toda a força deste lugar-comum, e, súbito, como um tiro, perguntou ao tabelião se não lhe podia dar ao menos dez mil-réis.

— Quer ver? E o tabelião desabotoou o paletó, tirou a carteira, abriu-a, e mostrou-lhe duas notas de cinco mil-réis. — Não tenho mais, disse ele; o que posso fazer é reparti-los com o senhor; dou-lhe uma de cinco, e fico com a outra; serve-lhe? (ASSIS, 1962, p. 226)

O tempo é muito arrastado, a negociação durou mais do que deveria e se torna repetitiva dando a sensação do que é, realmente, um pedido de empréstimo, já que ela é o ponto principal do conto. Satisfeito com a centésima parte do que havia pedido inicialmente, Custódio sai feliz da tentativa e segue seu rumo feliz e risonho:

Com a mão esquerda no bolso das calças, ele apertava amorosamente os cinco mil-réis, resíduo de uma grande ambição, que ainda há pouco saíra contra o sol, num ímpeto de águia, e ora habita modestamente as asas de frango rasteiro. (ASSIS, 1962, p. 226)

---

O segundo conto analisado, *Anedota Pecuniária*, traz a história de Falcão, um homem rico e ganancioso. Solitário, ele decide adotar uma de suas sobrinhas (Jacinta), para lhe fazer companhia. Mesmo gostando muito da moça, o homem abre mão da mesma, vendendo o seu consentimento de casamento a um amigo em troca de dinheiro. Para preencher o vazio causado pela falta de Jacinta, Falcão decide adotar a sobrinha Virgínia. Não fugindo da típica ironia machadiana, o destino da moça não poderia ser outro: Virgínia também tem sua mão vendida, mas desta vez a troca é ainda requisitada, pois trata-se de uma coleção de cédulas originadas de diversos países.

Recorrer ao contexto histórico é importante para se compreender a peculiaridade de tal texto. Trata-se de meados do século XIX, época em que o Brasil apesar de não ser mais colônia, preservava tais características, como a escravidão e o modo de vida rural, que ainda eram predominantes. Neste mesmo contexto, o surgimento de algumas das mais importantes transformações políticas (a abolição da escravatura, a proclamação da República e predominância da atividade cafeeira) foram responsáveis por exercer grande influência na modernização do país.

Como uma forma de responder às demandas provocadas por tamanhas mudanças, a construção literária também se modificou. A transição entre o Romantismo e o Realismo, sendo predominante as características do último no texto em questão, trata-se de um fator que justifica a escolha do autor na construção das personagens, dando ênfase em seus aspectos psicológicos e racionais. Por se tratar de uma escrita em que a verossimilhança se faz presente, a crítica realizada pelo autor, depende da capacidade crítica do leitor.

O desfecho, em específico, apesar de tratar da triste circunstância propiciada pela venda das próprias sobrinhas, surpreende por não apresentar lição de moral: Jacinta e Virginia casam-se com os pretendes escolhidos, enquanto Falcão adquire o seu desejo. Sendo assim, pode-se chegar à conclusão de que o objetivo de Machado de Assis em *Anedota Pecuniária*, é “colocar o dedo na ferida” da sociedade do século XIX, através de um enredo ficcional que dramatiza uma questão, não levando em consideração apenas a finalidade (no caso o destino das sobrinhas), mas a própria causa, o vendedor.

O terceiro conto, *A carteira*, traz a história de Honório angustiado pelas dívidas. O encontro de uma carteira no início do conto poderia ter sido a solução se não fosse a vergonha de ter sido flagrado pelo dono do objeto. A pretensão pelo conteúdo da carteira não é gratuita, visto que ela poderia resolver os seus problemas financeiros. O cotidiano torna-se tema da ficção e adquire outra relevância condensando a situação limite da angústia, do medo e, ao final do conto, do inesperado. Honório encontrava-se bastante endividado pelas contas de lojas e armazéns, empréstimos e pelos bailes e jantares por ele oferecidos.

Tudo ia mal financeiramente, mas passava aos seus o contrário. Diariamente, recebia em sua casa o amigo advogado Gustavo e “fingia-se tão alegre como se nadasse em um mar de prosperidades”. À mulher, D. Amélia, nada confessava, nem quando foi pego lacrimejando ao beijar a filha dormindo.

Nas circunstâncias em que sua vida se encontrava, seria difícil encontrar a solução. A possibilidade veio quando Honório encontra novamente uma carteira, dessa vez, sem ninguém

---

por perto. A quantidade encontrada resolveria todos os seus problemas financeiros, entretanto, isso não ia ao encontro com seus ideais de honestidade, mesmo pegando-a sorrateiramente, guardando-a rapidamente e conferindo o seu conteúdo bem longe do local do encontro. Assim, sua consciência dizia que ele deveria entregá-la ao dono (o cartão do amigo advogado o indicava como o dono da carteira).

A narrativa pode despertar reflexões sobre caráter e firmeza moral no leitor, desde o momento que a carteira é encontrada por Honório até o momento em que ela é devolvida. Entretanto, esse questionamento pode perder a razão a partir do momento em que a conduta das demais personagens são explicitadas ao final do conto.

O texto passa a sensação de culpa da personagem por pensar em não devolver o dinheiro. Além disso, no momento em que Honório devolve a carteira ao seu amigo, recebe um olhar de desconfiança: “Gustavo pegou dela precipitadamente, e olhou desconfiado para o amigo.” Qual é o motivo desse olhar? Como o leitor recebe isso? Qual é a leitura que pode ser inferida? Honório “recebe o olhar como um golpe, lhe sorri amargamente” e responde às perguntas do dono da carteira sobre o achado.

A desconfiança, a princípio, pode ser recebida pelo leitor como uma desconfiança por parte do dono da carteira em relação à moral de Honório, mas o leitor se surpreende com o desfecho. Gustavo, ao receber a sua carteira, retira-lhe um bilhete de amor e o entrega à D. Amélia.

O leitor, contudo, nunca conseguirá do texto a certeza de que a sua compreensão é a justa, a multiplicidade das relações humanas impossibilita que a base de entendimento do texto, ou, que a base de leituras possíveis seja fixa. O que aproxima o leitor desse conflito é o esquema autoral preparado e o potencial dessas personagens atingirem o universal sem perder o individual. A complexidade e o enfoque da estrutura textual dificultam a ocupação completa da situação junto às representações (modos de ser, ler e compreender o texto) do leitor. Por que tantas dívidas contraídas por Honório? Qual é o motivo de tantos eventos (bailes, empréstimos, jantares, contas em lojas e armazéns) que lhe deixaram em situação tão difícil? Seria Honório digno de compadecimento do leitor?

Atento a isso está a experiência estética, a participação emocional do leitor que infere, contempla e vive as experiências humanas dispostas no conto. A ele, o leitor, é dada, também, a possibilidade de responder à questão resolvida por Sócrates: É preferível praticar ou sofrer uma injustiça?

O conto é dividido em vários parágrafos, majoritariamente curtos e médios, o que provoca uma sensação de rapidez, de tempo decorrente. Tal efeito pode ter sido intencional, visto que o conto acompanha Honório por um dia inteiro, em suas caminhadas, seus pensamentos, suas dúvidas e tentações. Dessa forma, o leitor é levado a refletir e se angustiar sobre o tema, indagar sobre a atitude final de Honório (se ele ficará com o dinheiro encontrado ou não) e ter uma enorme surpresa pela revelação final.

Gustavo pegou a carteira precipitadamente, e lançou um olhar desconfiado para o amigo. Honório sentiu o olhar como um golpe de desconfiança injusta; depois de tanta luta com a

---

necessidade e uma carteira contendo a solução de seus problemas, era uma triste reação. Honório lhe deu as explicações necessárias.

— Mas conheceste-a?

— Não; achei os teus bilhetes de visita.

Honório deu duas voltas, e foi mudar de toilette para o jantar. Então Gustavo sacou novamente a carteira, abriu-a, foi a um dos bolsos, tirou um dos bilhetinhos, que o outro não quis abrir nem ler, e estendeu-o a D. Amélia, que, ansiosa e trêmula, rasgou-o em trinta mil pedaços: era um bilhetinho de amor. (ASSIS, 1962, p. 361)

O último conto, O jogo do bicho, é um dos tantos em que o autor desenvolve a temática da economia na direção de estímulos éticos e morais engessados pelo sistema social e, paradoxalmente, negligenciados por uma parte substancial que o compõe. Referente à exponencial tendência de jogatinas por grandes investidores na sorte e ao momento de ensejo para a conquista de dinheiro sem esforços, as apostas em animais ficaram amplamente conhecidas pelas cidades do Rio de Janeiro. A narrativa caminha nos arredores das tentativas impulsivas de Camilo em conseguir acertar pelo menos um de seus palpites e os ingênuos esforços em encontrar sinais divinos para justificar suas escolhas.

Camilo é introduzido à história por meio de lembranças do seu rápido casamento com uma recém conhecida do subúrbio, Joanhina, ocasionado pela promessa de servidão gratuita de uma preta velha cuidadora da jovem desde a infância. Incentivados pela oportunidade da oferta e contradizendo as dimensões relacionadas aos laços afetivos de um matrimônio, o casal não tardou a se unir para gerar descendentes. Germana, a preta, considerava mais favorável à sua filha de criação que continuasse na comodidade de uma vida sem obrigações na casa de sua tia viúva; no entanto, há um descrédito por parte das personagens pelos conselhos fraternos da criada, que indiretamente se revela pela sua condição de serva e pela cor negra de sua pele.

Foi esta preta que os fez casar mais depressa. Não que lhes desse tal conselho; a rigor, parecia-lhe melhor que ela ficasse com a tia viúva, sem obrigações, nem filhos. Mas ninguém lhe pediu opinião. (ASSIS, 1962, p. 174)

O jovem, agora empregado de um arsenal militar e com o nome de sua família prolongado pelo nascimento de um filho, apresenta seus traços indiferentes a um ser sensível ainda no início: imaginando com suas turras certezas ser o próximo promovido após a morte de um colega de trabalho, diverte-se com debochados risos durante o enterro e perturba-se ao som de choros e murros após, quando não é atingido pela promoção. Considerou a facilidade da sorte, então, sua companheira para chegar ao lugar das suas esperanças preguiçosas e jogou no bicho pela primeira vez, e por mais dezenas de outras vezes.

Camilo sublinhou suas imperfeições centrais como jogador impulsivo, buscando justificativas ordinárias para se convencer do próximo bicho sorteado. A inconstância em suas apostas relaciona-se à construção psicológica da personagem, que acredita vaidosamente em suas teimosias e não corresponde aos conselhos que recebe de amigos e até mesmo do bicheiro.



---

Ia-se à cobra e perdia; perdendo, explicava a si mesmo o fato com os melhores raciocínios deste mundo, e a razão fortalecia a fé. [...] Não queria saber do déficit. Posto que metódico, tinha o instinto de fechar os olhos à verdade, para não a ver e aborrecer. (ASSIS, 1962, p.175)

Ao passo que sua mulher adoeceu entre a cozinha e a costura, Camilo creditou seus réis restantes em um último jogo após perceber a quantia desmedida que havia gasto à procura da riqueza sem grandes esforços; finalmente aquietou suas apostas na imagem do rei dos animais e, durante a escrita de um documento importante em seus expediente, recebeu a notícia religiosa de que o leão havia sido sorteado. Avaliou a possibilidade de escrever um requerimento de demissão, em vez de copiar novamente um documento borrado de tinta pela surpresa, e comprou o que imaginou ter direito e um pouco mais, escandalosa a alegria que surgia por todo o corpo; Camilo apenas não considerou por mais que um estreito instante que havia recebido uma quantia sete vezes inferior àquela que investiu, negligenciando o que no final havia perdido.

O conto não é uma história fantástica baseada em contextos obsoletos, ele escapa por entre arestas de personalidades palpáveis e modernas. Existe a busca malandra pela comodidade de não se mover e existe o desejo cego e surdo de ganhar, parcelados entre o ensejo e a credulidade. Será o motivador da ignorância da personagem perante o mundo efetivo sua ingenuidade, seu orgulho ou uma mistura homogênea entre os dois?

De acordo com Iser, no ensaio “Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional”,

Não é possível o conhecimento da intenção autoral pelo que o tenha inspirado ou pelo que tenha desejado. Ela se revela na decomposição dos sistemas com que o texto se articula, para que, neste processo, deles se desprenda. [...] Por conseguinte, a intencionalidade do texto não se manifesta na consciência do autor, mas sim na decomposição dos campos de referência do texto. (ISER, 2002, p. 962)

Como ficção, a escrita de Machado de Assis referiu-se à realidade transfigurando-a, sendo que esse ato de transfigurar, transformar a realidade é um ato de fingir próprio da literatura. Como observa Iser,

O ato de fingir, como a irrealização do real e a realização do imaginário, cria simultaneamente um pressuposto central para saber-se até que ponto as transgressões de limite que provoca (1) representam a condição para a reformulação do mundo formulado, (2) possibilitam a compreensão de um mundo reformulado, (3) permitem que tal acontecimento seja experimentado. (ISER, 2002, p. 959-960)

A literatura dispõe de ferramentas para organizar o mundo que está sendo apresentado, e, Machado a partir dessas personagens, do contexto econômico e social, das atitudes afrouxadas diante dos problemas a serem enfrentados, cria os seus textos e expõe uma realidade atemporal.

### **Considerações finais**

Machado de Assis era íntimo das palavras, conhecia a capacidade transformadora da linguagem e utilizava dela como refúgio da imperfeição intrínseca do mundo. O artista está, explicitamente, interligado às experiências do tempo e do espaço que convive e traz à vida suas histórias. A angústia de estar presente e ser vivente numa época racista, absurda, oportunista

---

e malandra tornou a denúncia do autor intensa e futurista - por ainda descrever o aqui e o agora. As personagens de seus contos são construídas no entorno daquilo que não foge do real e observadas em suas miudezas psicológicas e irregularidades humanas. Numa sequência pensada e repensada, Machado de Assis une os fragmentos de uma história de maneira a causar a inserção do leitor por sentimentos e percepções propositalmente orientados.

Sobre o contexto em que viveu, o escritor explicitou os valores e a moral do seu tempo a partir das atitudes de uma sociedade burguesa oitocentista, estimulou o seu imaginário e criou o fictício tendo como referência os acontecimentos de sua época. A partir dessas relações, criou os seus textos e articulou elementos da realidade como a ambição, casamentos arranjados, enriquecimento e dinheiro, e lhes deu um tratamento literário além de atribuir a todos esses elementos uma aparência de realidade dentro do contexto em que foram inseridos.

A busca em focalizar o tempo em que viveu tentou expressar a autoconsciência dessa burguesia e mostrar o quão eram capazes para conseguir alcançar seus objetivos e solucionar os problemas sociais e econômicos que, ainda hoje, existem. Sendo elementos da ficção, as ocorrências e personagens desses contos ilustram, entre outros aspectos, as relações entre riqueza, opulência e decência do século XIX e, que de certa forma, perduram. Retratações e sensações atemporais.

### **Referências bibliográficas**

ASSIS, Machado de. Anedota Pecuniária. In: *Histórias sem data* (Obras Completas, vol. 13). Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962, p. 181-198.

ASSIS, Machado de. O empréstimo. In: *Papéis avulsos* (Obras Completas, vol. 12). Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962, p. 225-238.

ASSIS, Machado de. Jogo do Bicho. In: *Relíquias de Casa Velha* (Obras Completas, vol. 16). Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962, p. 169-183.

ASSIS, Machado de. A Carteira. In: *Contos Fluminenses* (Obras Completas, vol. 21). Rio de Janeiro: Livro do Mês, 1962, p. 355-361.

CARVALHO, José Murilo de. "O Rio de Janeiro e a República". In: *Os bestializados*. 3 ed. São Paulo: Companhia das Letras, 1997.

FRANCO, Gustavo. H. B. (Organização, Introdução e Comentários). *A Economia em Machado de Assis: o olhar oblíquo do acionista*. 2 ed. Rio de Janeiro: Zahar, 2008.

ISER, Wolfgang. Os atos de fingir ou o que é fictício no texto ficcional. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*, vol. 2, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 955-988.

---

ISER, Wolfgang. Problemas da teoria da literatura atual: O imaginário e os conceitos-chave da época. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *Teoria da literatura em suas fontes*, vol. 2, 3 ed. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2002, p. 927-954.

STIERLE, Karlheinz. Que significa a recepção dos textos ficcionais. In: LIMA, Luiz Costa. (Org.) *A Literatura e o Leitor*. Textos de estética da recepção. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 2001. p. 133-187.